

A REVOLUÇÃO DO HAITI: UM ESTUDO DE CASO (1791-1804)

**Ana Loryn Soares
Elton Batista da Silva**

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a Revolução haitiana, buscando perceber a sua especificidade no contexto das revoluções latino-americanas, no que concerne ao processo de Independência e os atores sociais envolvidos; bem como os elementos de homogeneização que possibilitaram a realização desse empreendimento.

Palavras-chave: Revolução, Haiti, especificidade, homogeneização.

INTRODUÇÃO

Ressaltando a importância histórica que possui a revolução haitiana, procuramos nesse trabalho contribuir, para tirá-la do ocultamento a que ela foi submetida na Historiografia. Realizamos, para tanto, análise de fragmentos de discursos do libertador Toussaint L'Ouverture e o Hino Nacional do Haiti; discurso de Dessalines, além da leitura de artigos publicados sobre o Haiti com os quais dialogamos. A partir do contato com as fontes nos guiamos por questões tais como: o que faz da Revolução Haitiana uma revolução especial e, o que possibilitou a adesão da população escrava?

Dividimos o texto em quatro tópicos: No primeiro fazemos um breve histórico, ressaltando o processo de colonização de São Domingos, posteriormente, Haiti; no segundo tópico abordamos a introdução dos ideais iluministas na colônia francesa, que forneceram as bases ideológicas para a formação de líderes da Revolução Negra; em seguida, abordamos a participação popular na luta pelo fim da escravidão e independência do país e o ódio dos

haitianos para com seus tiranos, por fim, nos detemos nos fatores que possibilitaram a homogeneização em torno da causa revolucionária.

BREVE HISTÓRICO

Os primeiros colonizadores da Ilha que é hoje o Haiti foram os espanhóis que como primeira atividade econômica na região realizavam a exploração de ouro, utilizando como mão-de-obra para essa atividade o indígena escravizado. A ação predatória do empreendimento espanhol dizimou a população nativa, como mostra Emir Sader:

Os espanhóis, considerados o povo mais avançado da Europa naquela época, anexaram a ilha, introduziram o cristianismo, o trabalho forçado nas minas, o assassinato, o estupro, os cães de guarda, doenças desconhecidas e a fome, forjada pela destruição dos cultivos para deixar os rebeldes sem alimentos. A população nativa ficou reduzida, de cerca de meio milhão ou talvez até 1 milhão, a 60 mil em 15 anos.¹

Diante desta situação, começa a introdução do negro africano na Ilha em substituição da mão-de-obra escrava indígena. Em 1697, a Ilha que até então estivera sob domínio espanhol, passou para o controle da França; a partir deste momento São Domingos (que não era, ainda, Haiti) se torna uma das colônias mais ricas do Ocidente, chegando o comércio do açúcar produzido na ilha a representar dois terços de todo comércio francês.

Nesse período de grande riqueza para a França, o Haiti acumula uma população de 536 mil habitantes, sendo que deste total, 480 mil são escravos, o que representa 90% de toda a população local, ou seja, um enorme contingente de mão-de-obra trabalhando ininterruptamente para produzir riqueza para a sua metrópole. Do restante, apenas 56 mil (10%) da população era formada pela elite branca européia. Assim, pode-se inferir o quão importante era, economicamente, São Domingos para a sua metrópole.

OS IDEAIS DA REVOLUÇÃO FRANCESA CHEGAM AO HAITI

No decorrer do último quartel do século XVIII, os ideais da Revolução Francesa começam a se difundir pelo mundo com a disseminação dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Como mostra Charles Chasteen."a revolução haitiana também mostrou as idéias da revolução francesa em funcionamento nas Américas"² o impulso revolucionário chega à ilha de

São Domingos trazido da França pelo escravo liberto Vicent Ogé, que lidera um levante armado contra os brancos. A sublevação o leva à execução em 1791, porém, a morte do líder negro só serviu para insuflar os ânimos dos escravos e a Ilha explode em rebeliões, a adesão dos escravos ao movimento revolucionário foi massiva, como mostra, Ailton Benedito de Sousa:

Numa primeira série de operações que durará um mês, os escravos destroem tudo. Como labaredas sobre a palha seca, as palavras de ordem ‘morte aos brancos’ ganham as planícies. Chegara o momento há muito esperado. Nas fazendas as senzalas sabem o que fazer. Em poucas semanas de luta, os insurgentes chegam a mobilizar mais de cem mil combatentes.³

Um dos muitos negros que aderem à revolução é o ex-escravo Toussaint L’Ouverture, que pelas habilidades que possuía fora aproveitado desde sua juventude por seu proprietário em atividades administrativas nas fazendas de cana-de-açúcar, condição que possibilitou a Toussaint certa liberdade, permitindo-lhe dentre outros benefícios, acesso à alfabetização. Como letrado Toussaint participava das discussões ocorridas na Europa através das leituras que realizava de textos franceses.

Toussaint L’Ouverture assume o posto de líder da revolução ao se negar a aceitar um acordo que seria realizado entre os líderes dos rebelados e os senhores brancos, sabendo ele que, com esse acordo nada do que pretendiam seria conseguido, e que a pretensão da elite com a negociação era ganhar tempo para que pudessem organizar a repressão ao levante e seu conseqüente esmagamento. Colocando-se contra esta situação, em agosto de 1793 ele se proclama como representante e líder negro:

Frères et amis. Je suis Toussaint Louverture; mon nom s'est peut-être fait connaître jusqu'à vous. J'ai entrepris la vengeance de ma race. je veux que la liberté et l'égalité règnent à saint-Domingue. Je travaille à les faire exister. Unissez-vous, frères, et combattez avec moi pour la même cause. Déracinez avec moi l'arbre de l'esclavage. Votre très humble et très obéissant serviteur, Toussaint Louverture, Général des armées du roi, pour le bien public.⁴

A partir desse momento, liderados por Toussaint L’Ouverture, os haitianos continuam bravamente sua luta revolucionária. Os enfrentamentos entre escravos e senhores duraram 12 anos, até 1804 e nesse período o Haiti conseguiu resistir e lutar inflingindo derrotas importantes, tanto às forças locais formadas pelos senhores de escravos, quanto às forças inglesas enviadas à

ilha, que somavam 60 mil soldados, também derrotaram aos 43 mil soldados do exército francês de Napoleão Bonaparte, à época, tido por muitos como invencível. No ano de 1803 Toussaint L'Ouverture é preso pelo exército francês e conduzido à Europa, onde morre, após em uma prisão nos Alpes suíços.

A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA LUTA.

Embora tenha tido líderes letrados, que foram influenciados pelas idéias francesas, a revolução foi levada a cabo pela maioria escrava analfabeta, que não compartilhava de tais ideais e que realmente lutava contra seus opressores brancos e contra a condição de escravos a que estavam submetidos. Para um dos líderes da revolução haitiana, Jean Jaques Dessalines, e conseqüentemente para os demais rebelados: “A liberdade antes que tudo queria dizer o fim da escravidão”⁵ afirma a historiadora Maria Ligia Prado. E sendo liderados por Dessalines, negro analfabeto, substituto de Toussaint L'Ouverture, após a morte deste, que ocorreu a vitória dos escravos haitianos sobre seus senhores. Em primeiro de janeiro de 1804 é proclamada a independência do Haiti.

A Revolução haitiana se transformara no maior movimento negro de rebeldia contra a exploração e a dominação colonial das Américas. O caso do Haiti se torna singular, único a todo o continente. O país foi a primeira colônia latino-americana a conseguir a independência e abolição da escravatura sendo que todo processo de revolução e libertação foi conduzido pelos próprios escravos, estes conseguiram, além de realizar a libertação de seu país, realizar também, a própria libertação. O acontecimento singular derruba por terra a idéia defendida à época pelas potências imperialistas de que as populações negras não pudessem se organizar por si só. Com a Revolução, o Haiti se torna a primeira república negra do mundo.

Muitos são os fatores que tornam a Revolução do Haiti um acontecimento único; a ex-colônia francesa foi uma das primeiras a realizar a independência diante da metrópole, utilizando-se, inclusive, das idéias de libertação da própria França, sua colonizadora, além disso, a Revolução foi levada a cabo por escravos, quando que na maior parte das colônias européias na América Latina o processo de independência fora encabeçado por membros de uma elite *crioulla* e, embora tenha havido participação popular, esta foi muito diminuta, no Haiti a grande maioria era a população negra escravizada.

FATORES DE HOMOGENEIZAÇÃO

Para entendermos o feito realizado pelos escravos haitianos devemos considerar alguns elementos que se combinaram, possibilitando o triunfo da Revolução. Contribuíram para esse acontecimento o fato de a grande maioria da população da Ilha (90%) ser de escravos totalizando 480 mil negros no momento em que explode o levante, destes um número bem expressivo era de nascidos na África. Como nos mostra Marcelo Grondin:

Considerando-se, por um lado, que no sistema escravista de Saint-Domingue a taxa de mortalidade era mais alta que a de natalidade e, por outro lado, que 200 mil escravos haviam sido trazidos nos dez anos anteriores à independência (280.000 nos trinta últimos anos) pode-se deduzir que uma parte considerável, talvez a maioria dos escravos presentes no Haiti naquela época [refere-se ao início da rebelião], havia nascido na África⁶.

Esses negros ao serem transportados de um continente a outro traziam consigo toda uma carga simbólica que os identificava entre si e os unia como iguais, embora as diferenças étnicas e culturais no continente africano, mas, como assegura John Thornton,⁷ “na América foi onde realmente essas diversas nacionalidades se uniram pra formar uma, mais forte e homogênea que as mesmas nações africanas” Este mundo de símbolos e crenças foi reproduzido na América pelos haitianos através da suas práticas culturais e religiosas: o Vodou, religião dos negros, funcionava como um elemento unificador da raça, e dentre as crenças da religião voduísta haitiana há a concepção de vida harmônica baseada em agrupamentos de pessoas tidas como famílias, o que possivelmente, faz com que os praticantes do Vodou busquem projetar na sociedade a harmonia que se faz presente na esfera da religiosidade:

Ao servir os espíritos, o voduísta busca conseguir a harmonia com sua própria natureza individual e o mundo em torno dele, parte desta harmonia é preservar o relacionamento social dentro do contexto da família e da comunidade. Uma casa ou uma sociedade de Vodou é organizada pela metáfora da família extensa, e os noviços são os ‘filhos’ de seus iniciadores, com o sentido da hierarquia e da obrigação mútua que implica.⁸

A cerimônia mais importante do Vodou na história do Haiti foi a cerimônia *Bwa Kayiman* ou *Bois Caiman* de agosto de 1791, na qual, frente a uma manifestação de um espírito familiar, todas as pessoas presentes comprometeram-se com a luta pela liberdade. Esta cerimônia

foi fundamental para a congregação dos negros haitianos em torno da causa da libertação do seu povo da dominação colonial francesa em 1804, e o estabelecimento da 1ª República de povos negros da História do mundo.

Este fato corrobora a idéia de que a cultura preservada da África no Haiti funcionou como um elemento homogeneizante, capaz de fornecer as bases de pertencimento e identificação orientadora da luta, o que pode ser percebido, também, através de trechos do Hino Nacional do Haiti, no qual o passado e os ancestrais, base da crença vuduísta, são evocados: “Pour le pays, pour les ancêtres, Marchons, marchons, marchons unis, Pour le pays, pour les ancêtres (...), Notre passé nous crie (...)”⁹

Assim, percebemos o quanto a questão da cultura se mostrou influente no contexto da Revolução, e somente buscando entender o universo cultural da sociedade haitiana da época, podemos encontrar respostas às indagações anteriormente levantadas. Pois a cultura, neste caso especial, a religião haitiana, atua na produção e no reforço do sentimento de comunhão e de identificação, de maneira que os indivíduos possam constituir-se como sociedade, ou ainda melhor, como comunidade e lutar pela materialização desse universo na vida cotidiana, mesmo que para isto fosse preciso pegar em armas, o que de fato ocorreu.

Também está presente nos rebelados um grande sentimento de ódio aos senhores de escravos franceses, por conta da crescente opressão que sofriam para que produzissem cada vez mais. Um trecho de um discurso que Dessalines profere aos haitianos após a vitória, serve para demonstrar a indignação dos negros diante dos franceses:

Generais intrépidos, que insensíveis às próprias desgraças haveis resrestaurado a liberdade prodigalizando todo vosso sangue, saibam que nada haveis feito se não derdes às nações um exemplo terrível, mas justo, da vingança que deve exercer um povo orgulhoso de ter recobrado a sua liberdade e zeloso de mantê-la; amedrontemos os que tentam nos arrebatá-la: comecemos pelos franceses...”¹⁰

Uma vez conquistada a liberdade, notamos a preocupação que os libertos tem de mantê-la a qualquer custo, isso demonstra o engajamento do povo haitiano com a causa libertária e o compromisso que estes tiveram com a ação revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi trabalhado aqui, cumpre-nos ratificar a necessidade de por em discussão a Revolução do Haiti buscando tirá-la do processo de silenciamento e ocultamento pelo qual foi submetido na Historiografia, em que as Revoluções Americana e Francesa se tornaram os padrões de revolução da modernidade. A Revolução haitiana deve ser considerada a primeira grande revolução moderna, pois foi ao mesmo tempo uma vitoriosa subversão social (escravos contra senhores); anticolonial e nacional (derrota do colonialismo francês e formação da nacionalidade haitiana). Foi uma revolução crucial. Por isso o medo das elites escravocratas das Américas de que ela pudesse ser seguida por escravos em outras colônias, justamente, pelo seu caráter incompatível com o poder colonial. Daí a cruel repressão pela qual vem passando a Ilha desde então, sendo mantida na aterrorizante história que não a deixam terminar.

NOTAS

¹ SADER Emir, *A grande Revolução negra*, Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 4 de Janeiro, 2004

² CHASTEEN, John Charles, *1955-América Latina: uma História de sangue e fogo/ John Charles Chasteen*; Tradução de Ivo Korytowski – Rio de Janeiro: Campos, 2001

³ SOUSA, Ailton Benedito de, Dossiê Haiti. In <http://resistir.info>.

⁴ Tradução dos autores [“Irmãos e amigos. Eu sou Toussaint Louverture; talvez meu nome seja conhecido de vós. Eu empreendi a vingança de minha raça. Eu quero que a liberdade e a igualdade reinem em São Domingos. Eu trabalho para que isso aconteça Uni-vos irmãos e combateis comigo pela mesma causa. Arranquemos pela raiz a árvore da escravidão. Vosso muito humilde e obediente servo. Toussaint Louverture, General do exército do rei, pelo bem do povo.”].

⁵ PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas* – 3. ed. – São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987

⁶ GRONDIN, Marcelo. *Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo, Brasiliense, 1985. citado por Eleonora Zicari Costa de Brito, In *O Haiti era lá, era aqui e acolá. Os discursos sobre a escravidão no século XIX, Caribe, sintonias e dissonâncias*, Goiânia: Cecab, 2004

⁷ THORTON, Jhon Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Tradução de Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

⁸ In:<http://pt.wikipedia.org>.

⁹ Hino Nacional do Haiti. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_nacional_do_Haiti. Tradução dos autores [“Pelo país pelos ancestrais; Marchemos, marchemos, marchemos unidos; Pelo país, pelos ancestrais (...) Nosso passado, nossa voz (...)”].

¹⁰ Trecho de discurso de Jean Jaques Dessalines aos Haitianos após a conquista da liberdade, In: PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas.op. cit.*, p. 14